



História: Debates e Tendências

ISSN: 1517-2856

felipeabal@upf.br

Universidade de Passo Fundo

Brasil

Silveira, Mauro César

O inimigo na trincheira: a imagem dos aliados nas páginas dos jornais brasileiros e argentinos na guerra contra o Paraguai

História: Debates e Tendências, vol. 15, núm. 2, julio-diciembre, 2015, pp. 307-320

Universidade de Passo Fundo

Passo Fundo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552456384002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O inimigo na trincheira: a imagem dos aliados nas páginas dos jornais brasileiros e argentinos na guerra contra o Paraguai

The enemy in trench: the image of the allies in the pages of newspapers Brazilian and Argentine in the war against Paraguay

El enemigo en la trinchera: la imagen de los aliados en las páginas de los periódicos brasileños y argentinos en la guerra contra el Paraguay

Mauro César Silveira*

Resumo

Durante a circunstancial aliança constituída na guerra contra o Paraguai, Brasil e Argentina não puderam evitar os reflexos de um passado marcado por conflitos bélicos e pela permanente desconfiança. Em muitos momentos da contenda, os jornais brasileiros e argentinos atacaram o país vizinho na campanha militar na Bacia do Rio da Prata. Uma ideia-imagem se impôs na imprensa sul-americana nos períodos mais desgastantes daquele episódio: o inimigo estava na trincheira.

Palavras-chave: Brasil e Argentina. Guerra do Paraguai. História do Jornalismo.

As diferenças entre Brasil e Argentina remontam aos tempos coloniais e praticamente se confundem com a história da América do Sul. Em boa medida, a luta pela hegemonia do continente travada por espanhóis e portugueses foi herdada pelos governantes dos dois países em formação após os processos emancipacionistas. Se a relação entre as novas nações nem sempre foi caracterizada pela hostilidade e pela elevada tensão, seguramente predominou ao longo do

* Doutor em História Ibero-Americana pela PUCRS. Professor da graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Coordenador do grupo de estudos de História do Jornalismo na América Latina. E-mail: mauro.cesar.silveira@ufsc.br

Recebido em 25/03/2015 - Aprovado em 02/06/2015

<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.15n.2.5644>

tempo a desconfiança mútua, que também tomava os colonizadores desde a expansão marítima iniciada ainda no século XV, como assinala Zuccarino (2014, p. 2). Durante o período de exploração das terras conquistadas, a rivalidade se acentuou entre Espanha e Portugal e produziu consequências para o futuro do território sul-americano, a partir do cenário de independência das antigas metrópoles.

A disputa entre as duas Coroas tornou-se mais visível na região do Cone Sul, onde os assentamentos coloniais provocaram o contato direto entre as populações de origem castelhana e portuguesa e geraram muitas situações conflituosas. Wagner Cardoso Jardim (2011) observa que a criação do Vice-Reinado do Rio da Prata, em 1776, com a capital em Buenos Aires, era uma reação espanhola ao expansionismo lusitano no espaço geográfico que compreende os atuais Argentina, Uruguai e Paraguai. Mais tarde, o processo de independência argentino desencadeado pela Revolução de Maio de 1810 conferiria ainda maior protagonismo à cidade portenha, que abrigava as bases políticas e econômicas para a formação do futuro estado nacional:

Assim centralizando no porto de Buenos Aires a atividade mercantil da região platina, como consequência experimentou-se um período de florescência e riqueza para a burguesia ali estabelecida que deu origem à elite argentina que comandava o estado político e econômico subjugando as demais províncias do interior (JARDIM, 2011, p. 3).

Pouco antes do movimento emancipacionista argentino e com mais de uma década

de antecedência da libertação brasileira de Portugal, a região do Rio da Prata ficaria ainda mais explosiva. A chegada da família real lusitana ao Rio de Janeiro, em 1808, determinou uma clara política intervencionista no sul do continente, com as invasões militares na Banda Oriental que culminariam com a criação da Província Cisplatina – anexando o território atual do Uruguai, em 1821.

Quatro anos depois, tropas orientais com apoio de forças argentinas cercaram Montevideu e declararam a independência uruguaia, deflagrando a chamada Guerra da Cisplatina. O conflito se estendeu até 1828, quando o já então Império brasileiro foi derrotado e a constituição do novo país foi reconhecida pelos dois maiores oponentes – Brasil e Argentina.

Ao longo do século XIX, as divergências entre os dois novos países resultariam em outros embates militares. O mais incisivo ocorreu nos anos 1850. Depois de se ocupar com o movimento separatista sulino – a chamada Revolução Farroupilha –, o governo imperial retomou suas ações no exterior, com particular atenção à região do Rio da Prata. O apoio obtido pelo governador da Província de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas, de várias outras regiões da então Confederação Argentina e seu forte caráter nacionalista foram considerados uma ameaça aos interesses brasileiros no Uruguai e de seus aliados, os liberais colorados. Em uma coalizão com seus parceiros orientais e com o governador da Província argentina de Entre Rios, Justo José de Urquiza, o Brasil agiu implacavelmente contra quem identificava como seu maior inimigo naquelas paragens:

La guerra se inició en 1851, con la presencia dominante de Brasil, que convocó cerca de 24 mil hombres, la mayoría reclutada en Rio Grande do Sul, garantizando el control de Uruguay por los “colorados”, con la derrota de las tropas de Rosas en territorio argentino, en la batalla de Caseros,¹ en 1852. Rosas fue un personaje importante en la constitución de cierta mentalidad argentina, según Luna² (1999, p. 98), pues defendió con obstinación la soberanía del país, resistiendo a los avances de Francia y de Inglaterra, así como combatió a Bolivia, parte de la Banda Oriental de Uruguay y Brasil. Fue un gobierno nacionalista, sin apertura para el exterior, conservador, burocrático, que contribuyó a crear lentamente un sentido de unidad nacional y de integración de las provincias (JACKS; MACHADO; MÜLLER, 2004, p. 50).

Uma aliança circunstancial

Na década seguinte, a nova conjuntura política na Argentina seria decisiva na formação de uma aliança aparentemente improvável, entre o Império de D. Pedro II e o vizinho rival. A chegada ao poder do unitário e liberal Bartolomé Mitre, edificando o Estado nacional da confederação sob o nome de República Argentina,⁴ levaria a uma aproximação com o governo brasileiro, necessária para afastar as tendências federalistas das províncias do interior e uma ameaçadora articulação entre Corrientes e Entre Rios, por um lado, e o Paraguai, por outro. Nessa época, a burguesia comercial de Buenos Aires já colaborava com os colorados uruguaios para levar o general Venancio Flores ao poder. A amizade entre Mitre e Flores florescera durante o exílio do comandante oriental na cidade portenha em 1850

(BARATTA, 2013b, p. 63), e facilitava muito em tudo, permitindo a articulação da Argentina com o Brasil:

Após a vitória na batalha de Pavón, em 17 de setembro de 1861, o presidente argentino Bartolomé Mitre (1821-1906) apoiou a intervenção no Uruguai do principal caudilho colorado, Venancio Flores (1808-1868), até então oficial nos exércitos portenhos. A *Cruzada Libertadora* florista tinha como principal base social os estancieros escravistas sul-rio-grandenses estabelecidos ao norte do rio Negro. O apoio de Mitre ao ex-presidente oriental buscava espedaçar o *bloco* autonomista informal constituído pelo partido Blanco uruguaio, no governo; pelos federalistas argentinos, derrotados em Pavón; e pelo governo paraguaio. Ao iniciar sua sublevação, Venancio Flores lançou duas proclamações: uma em espanhol, aos nativos da terra, outra em português, aos verdadeiros senhores daquela região (MAESTRI, 2013, p. 23-24, grifo nosso).

O Império, que já havia ocupado a Banda Oriental em 1851 – contra Manuel Oribe, aliado de Rosas – e em 1855, por solicitação do mesmo comandante colorado Venancio Flores –, atenderia os reclamos dos estancieros rio-grandenses com interesses contrariados em suas propriedades – e bens – em solo uruguaio, dividido entre *blancos* (nacionalistas) e *colorados* (liberais). Ainda amargando o desgaste provocado pela Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, D. Pedro II não vacilou em usar a força contra o presidente uruguaio Atanasio Aguirre. Ex-presidente do Senado, Aguirre, que assumira no dia 1º de março de 1864, não fez caso das reivindicações apresentadas pelo representante imperial, o conselheiro José Antonio Sarai-

va, exigindo indenizações para os brasileiros residentes no Uruguai, praticamente selou a sorte do governo nacionalista.

Em julho de 1864, uma reunião em Buenos Aires fechou a proposta para levar o caudilho colorado Venancio Flores – que vivia na Argentina e invadira seu país duas vezes durante o ano de 1863 – ao poder.⁵ O acordo seria cumprido em outubro, quando o Brasil entraria com suas tropas, por terra e mar, na Banda Oriental. O Paraguai, que já advertira o Império, dois meses antes, que uma ocupação do território uruguaio causaria a guerra entre os dois países (BENITEZ, [199-], p. 92), deflagrou o conflito bélico mais tarde, no dia 12 de novembro de 1864, aprisionando a embarcação brasileira Marquês de Olinda. A chamada Questão Uruguaia, que alcançou seu ápice na ação militar do Império capitaneada pelo general Souza Neto e pelo almirante Tamandaré, constituiu-se, segundo Heitor Lyra, na “origem da longa e penosa guerra que tivemos de sustentar contra o ditador paraguaio Solano López” (1977, p. 219).

Portanto, esse contexto político conduziu à convergência de interesses da Confederação Argentina com o Brasil, tornando possível a aliança que culminaria na campanha militar contra o Paraguai. Depois que obtiveram a queda do presidente *blanco* Atanasio Aguirre, empossando Venancio Flores em seu lugar, o país governado por Mitre e o Império de D. Pedro II⁵ puderam agir contra Solano López. Se, no início das hostilidades, as forças militares das duas nações aliadas eram quase equivalentes, em pouco tempo a supremacia brasileira se impôs de forma cabal. Amado Cervo e Clodoaldo Bueno as-

sinalam essa realidade, antes mesmo que a guerra completasse um ano de combate:

A partir de 1865, com a expulsão dos paraguaios dos territórios que haviam invadido, preferisse o governo argentino e a opinião pública daquele país encerrar o conflito. A guerra mais será uma guerra entre o Brasil e o Paraguai, com pesados custos humanos e materiais para ambos os lados (1986, p. 33).

A preponderância do governo imperial, aliás, estava ligada ao quadro favorável do segundo reinado, permitindo que o país se afirmasse, desde o início da década anterior, como força hegemônica no continente sul-americano, como sublinha Moniz Bandeira:

Com um território de cerca de 8 milhões de quilômetros quadrados, uma população da ordem de 10 a 11 milhões de habitantes, ou seja, de cinco a mais de dez vezes superior à de qualquer outro país da América do Sul⁶ e um aparelho de Estado capaz de empreender, internacionalmente, uma ação autônoma, tanto diplomática quanto militar, o Império do Brasil, assegurada sua tranquilidade interna, pôde então exprimir-se como grande potência, em face da Bacia do Prata. E, no curso da década de 1850, impôs aos países daquela região um sistema de alianças e de acordos, que visavam não ao equilíbrio de forças, mas à consolidação de sua hegemonia, em substituição à de França e Grã-Bretanha (1985, p. 213).

Desconfiança brasileira

Consciente do seu poderio – militar e político –, o Império brasileiro tratava de manter as aparências da correspondência diplomática, valorizando a aliança civilizadora com a Argentina, mas deixava escapar,

pela imprensa, informações nada lisonjeiras ao país governado por Bartolomé Mitre. Um dos primeiros questionamentos à confiabilidade da parceria surgiu nas páginas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1865: “Suspeitam-se traições por parte dos aliados do Brasil”. No mês seguinte, a mesma publicação alertaria que “se qualquer dos aliados for traidor ao Brasil este ficará altamente comprometido”. As dúvidas do governo de D. Pedro II em relação à postura da Argentina foram lançadas, ao longo do tempo, nos meios impressos afinados com a política imperial,⁷ e também serviram como tribuna de recados ao principal aliado nas campanhas militares em território uruguaio e, sobretudo, depois, na sangrenta ação contra o Paraguai.

De todos os periódicos que propagavam o discurso oficial da monarquia brasileira, não há dúvida de que o *Jornal do Commercio* era o de maior expressão. Fundado quatro anos após a publicação mais antiga do país – o *Diário de Pernambuco* –, ele foi lançado em 1º de outubro de 1827, no Rio de Janeiro, também ligado à classe latifundiária, apresentando uma sinopse de notícias mercantis e marítimas. Em pouco tempo, tornou-se “o jornal mais importante do país, expressão da opinião conservadora”, conforme Juarez Bahia (1990, p. 40). Ficou mais de meio século – exatos 55 anos – nas mãos de uma família francesa, condição que o alinharia, pelo menos no formato, com o que havia de mais moderno na imprensa mundial. Concebido pelo impressor Pierre Plancher-Seignot, o diário foi transferido aos também franceses Junius Villeneuve e Reol de Mougnot – que se retirou da sociedade

em 1834. Depois da morte de Junius, o *Jornal do Commercio* passou a pertencer ao seu filho Júlio Constâncio de Villeneuve, mais tarde agraciado com o título de Conde.⁸

E por 25 anos é dirigido de Paris, por François Picot, francês naturalizado brasileiro que depois de trabalhar no Rio mantém o contato com a redação através de cartas (BAHIA, 1990, p. 41).

O mesmo autor enfatiza que essa publicação exibia neutralidade e indiferenças olímpicas diante dos acontecimentos, ao contrário da imprensa oposicionista (BAHIA, 1990, p. 59). Mais do que isso: uma de suas mais notórias características era a despidorada marca do oficialismo. Sua portentosa dimensão – oito colunas distribuídas em páginas de 58,5 cm de largura e 98 cm de altura – facilitava a publicação de vastos documentos divulgados pelo governo imperial, que eram acompanhados, obviamente, por apreciações sobre a realidade brasileira e seus adversários políticos.

Durante a guerra contra o Paraguai, o *Jornal do Commercio* estampou, com regularidade, as partes militares distribuídas pelo Ministério da Guerra, contendo ofícios dos comandantes brasileiros presentes no teatro de operações. Mas não se constituíam em meros relatórios técnicos. As correspondências, transcritas integralmente, por vezes propalavam fatos inverídicos, contribuindo para disseminar o discurso brasileiro no episódio, batendo insistentemente na tecla de que o Império promovia uma cruzada civilizadora destinada a libertar um povo oprimido pelo atroz e sanguinário tirano Francisco Solano López. O caráter da proposta editorial, calcada na reprodução de textos gover-

namentais, ainda que muitos deles fossem flagrantemente deformadores, conferiria ao *Jornal do Commercio* um *status* de voz oficial,⁹ rivalizando, inclusive, com o *Diario Official do Imperio do Brasil*.

A partir de 1866, quando a previsão de guerra rápida caíra por terra,¹⁰ os desencontros entre os aliados ganhariam cada vez mais as páginas dos jornais. Tanto lá – como veremos mais adiante –, quanto aqui. Nesse duelo impresso, não poderiam deixar de ser esgrimidas as diferenças entre os colonizadores dos dois países. No dia 1º de abril daquele ano, um comentário publicado no português *Commercio do Porto* – que bebia na fonte do *Jornal do Commercio* – propagaria pela Europa uma visão sobre a origem espanhola dos aliados:

Jornais de Montevidéu e Buenos Aires queixam-se do Brasil pela longa permanência da esquadra em completa inatividade. [...] O caráter espanhol é o mesmo em toda a parte; sempre em revolução com tudo e com todos. Se hoje acatam uma ideia, amanhã apedrejam-na. Das três potências aliadas a que razão tem para formular queixas é, sem dúvida alguma, o Brasil. A esquadra é toda sua; o exército é *quase todo* seu, e seu é o dinheiro com que se está fazendo a guerra. Porém, as espanholadas não faltarão, como já não faltam, para desconhecer todos estes elementos com que o Império entrou para a tríplice aliança (*Jornal do Commercio*, Porto, 1/4/1866, p. 1, grifo do autor).

Em julho de 1866, a capacidade militar do presidente argentino – o primeiro comandante das forças aliadas – seria abertamente questionada. Na edição do dia 15, o correspondente do *Commercio do Porto* no Rio de Janeiro amplificaria no velho conti-

nente¹¹ o suposto descontentamento brasileiro com o comando portenho, divulgado pelo *Jornal do Commercio* um mês antes. Era a primeira observação desfavorável à atuação de Mitre na guerra:

Sei de **fonte segura** que o governo está muito desgostoso com a inércia dos generais e almirante brasileiro, e os atos do general Mitre, como comandante em chefe do exército aliado, tem alheado por modo bem sensível as esperanças nele depositadas, e esfriado fortemente as simpatias de que foi alvo quando começou a peleja (grifo nosso).

A imagem do general argentino, já desgastada pela bravata de vitória fácil, ficaria bem pior depois da fragorosa derrota aliada na batalha de Curupaity, em 22 de setembro de 1866, deixando à mostra sua inépcia militar:

Tudo, afinal, partira de um erro primário: o de investir-se posição de tal sorte preparada sem reconhecimento do terreno em que as colunas se movimentariam. [...] Curupaity, para a tríplice aliança, representa o reverso de Tuiuti:¹² desastre em profundidade. Morreram mais de 6 mil homens (apesar dos números bem menores constantes das partes oficiais). Depois dessa catástrofe, os exércitos aliados ficam parados durante mais de 14 meses (GOMES, 1982, p. 123-124).

O desastre de Curupaity ecoaria na distante cidade de Aveiro, em Portugal, como consequência do esforço brasileiro em multiplicar as versões oficiais no exterior.

A coluna *Correio de Ontem* do jornal *O Campeão das Províncias*, referindo-se à “correspondência particular de Lisboa, de 1º de Novembro de 1866”, destacava, no dia 3 de novembro daquele ano, a derrota das tro-

pas aliadas em Curupaity. De acordo com o texto, o ataque teria sido feito pelos argentinos, que menosprezaram a capacidade de resistência dos paraguaios nas trincheiras do local da batalha. Em 16 de novembro, o correspondente do *Commercio do Porto* no Rio de Janeiro lançaria uma suspeita sobre o comportamento do chefe de governo da Argentina: “Boatos na Corte colocam em dúvida a lealdade de Mitre” (*Commercio do Porto*, Porto, 16/11/1886, p. 1). E no final daquele ano, em 29 de dezembro, seria a vez do *Campeão das Províncias*, de Aveiro, espalhar a maledicência fora do Brasil: “A aliança do Império com o Uruguai e a Argentina está quase rota; enredos e intrigas tomam conta dos governos das duas Repúblicas” (*Campeão das Províncias*, Aveiro, 29/12/1866, p. 1).

Em 1867, o comandante argentino continuaria sendo detratado pelos jornais brasileiros e portugueses. Com base em notícias publicadas pelo *Jornal do Commercio*, *O Commercio do Porto*, de 29 de setembro, aumentava a carga contra o presidente argentino: “O General Mitre é acusado de pretender aniquilar o exército brasileiro e a esquadra, expondo esta a empresas arriscadíssimas” (*Commercio do Porto*, 29/9/1867, p. 1).¹³ Dois dias depois, outro boato disseminado pelo *Jornal do Commercio* era amplificado em Portugal: “Desentendimentos entre Caxias e Mitre”, alardeava *O Braz Tisana*, da cidade do Porto, em 1º de outubro. “Tentativa frustrada de vencer a fortaleza de Humaitá. General Mitre, o único responsável pela prolongação da guerra”, apontava *O Bracarense*, de Braga, em 5 de outubro. “Mitre, General em chefe dos aliados, não se atreve a atacar as posições paraguaias”, denunciava *O Braz*

Tisana em 16 de outubro de 1867. Menos de uma semana mais tarde, esta última publicação insistia que “não reina boa harmonia entre Caxias e Mitre”, também reproduzindo textos do *Jornal do Commercio*.

Toda essa avalanche de informações contra o governante argentino, que fora considerado pelos chefes militares brasileiros o principal responsável pelo fracasso de Curupaity, tido como o maior revés aliado na guerra, receberia o troco no desastrado reconhecimento de Humaitá, uma semana antes da queda da fortaleza, em 25 de julho de 1868. Os comandantes militares da Argentina creditavam à imprudência de Caxias as consideráveis baixas em suas tropas, incluindo a perda de dois renomados oficiais – Campos e Martínez –, e a imprensa argentina reagiria com vigor, como veremos em seguida. Mas o *Jornal do Commercio* não deixaria passar em branco essa acusação:

Jornais argentinos, manifestamente injustos, tentam a desforra do revés de Curupaity, atribuída a Mitre, e acusam Caxias pelo malogrado reconhecimento de Humaitá, provocando as mortes de dois militares, os argentinos Campos e Martínez (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31/7/1868, p. 1).¹⁴

Assim registrou, o maior jornal brasileiro em edição publicada no final daquele mês. Com a tomada de Humaitá, a publicação brasileira fez questão de atribuir a façanha única e exclusivamente à capacidade militar do Império, sem mencionar o apoio das forças argentinas.

No ano seguinte, as escaramuças projetar-se-iam no exterior e iriam girar em torno da entrada das tropas comandadas

por Caxias na capital paraguaia, em 1º de janeiro. “Há complicações entre o Brasil e a República Argentina por causa da ocupação de Assunção e outros pontos do Paraguai” (Braz Tisana, Porto, 20/2/1869, p. 1), anunciava uma curta nota do *Braz Tisana*, do Porto, em 20 de fevereiro de 1869, referindo-se a “um telegrama particular de Londres para Paris”. No mesmo dia, o *Boletim do Clero e do Professorado*, de Lisboa, atribuía a desavença à presença brasileira na capital paraguaia “sem prévio acordo com os aliados”. O *Comercio do Porto* afirmaria, em 3 de março, que esse fato havia provocado “desinteligência entre generais aliados”. A informação seria confirmada pelo *Campeão das Províncias*, três dias depois, e superestimada pelo *Braz Tisana* em suas edições dos dias 19 e 20 de março. “Desentendimento grave entre generais aliados; ameaça de rompimento entre o Brasil e a República Argentina”, alertava a primeira delas. “Uma carta de Buenos Aires, escrita por um alto funcionário dali, diz que o termo da guerra do Paraguai será o princípio de uma guerra entre o Brasil e os seus dois aliados”, divulgava, em tom alarmante, a segunda edição. Novos atritos entre os dois aliados ocorreriam a partir da formação do governo provisório, em 11 de junho de 1869, sempre com forte reação dos jornais argentinos, como veremos a seguir.

Inconformidade argentina

A aliança entre uma república recentemente instituída e uma monarquia escravocrata encontrou forte resistência nas elites do país vizinho. Mesmo antes dos combates, opositores a Bartolomé Mitre e à parceria com

o Brasil consideravam o Paraguai “um mal menor ao lado do malvado Brasil” (BARATTA, 2014, p. 45). É o caso do jornal portenho *El Pueblo*, dos irmãos Juan e Esteban Chas-saing, que em um de seus editoriais afirmava:

[...] a autonomia de Buenos Aires e a nacionalidade argentina terão em todos os tempos o apoio de *El Pueblo*, e em qualquer transe combaterá com igual ardor as duas ideias impossíveis: a federalização e a separação da província (DE MARCO, 2006, p. 272).

Mesmo tecendo críticas à falta de liberdade no país de Solano López, *El Pueblo* não deixava de atacar o Império brasileiro, e na, sua edição de 18 de setembro de 1865, publicou:

El Paraguay es un niño cándido ignorante y dispuesto a educarse siempre que su maestro, la república, abra un libro ante sus ojos espantados: El Brasil es un viejo decrepito, vicioso, minado por los intereses encontrados que hacen nacer las ideas del siglo y por las ruinas morales que se propone sostener en pro de un tronco. Los esclavos del Brasil son mercancía. Los esclavos del Paraguay son hombres. En el Paraguay los hombres, los heroicos, que carecen de la libertad política que disfrutaban los pueblos de la democracia. En el Brasil los hombres son cosas, que carecen de la libertad civil que no puede existir para ellos en aquella tierra de comercio de carne humana. La esclavatura de López no es la esclavatura de Pedro II. [...] La regeneración poderosa sacaría al Paraguay de su abyección para mostrarse al mundo como una esperanza joven, robusta, viril y luminosa. La regeneración del Brasil es imposible (El Pueblo, Buenos Aires, 18/7/1865, p. 1).

No mês anterior, o mesmo *El Pueblo* já condenava o discurso imperial de cruzada libertadora do povo paraguaio. Em 29 de agosto, a publicação condicionava um eventual apoio ao Brasil ao final da escravidão:

El Brasil libertador es una amarga ironía, que empieza a ruborizar hasta los propios escritores del vecino Imperio. [...] Si hay libertades constitucionales en el Brasil, esas son de tal naturaleza que no se pueden transplantar. Esas libertades no son obras de los soberanos, sino derecho primitivo de los pueblos y si el Gobierno Imperial quiere ser el restaurador ya que no el autor de un derecho en sus manos está la emancipación de algunos millones de hombres, que gimen a las sombras de su trono. Entonces, solo entonces, el Brasil será el verdadero aliado de las Repúblicas, en la santa cruzada de la redención del Paraguay (El Pueblo, Buenos Aires, 29/8/1865).

Mesmo após a invasão de Corrientes pelas tropas paraguaias, em abril de 1865, a defesa da aliança com o Brasil era sustentada quase que solitariamente pelo jornal *La Nación Argentina*, fundado pelo presidente Bartolomé Mitre.¹⁵ A pesquisadora María Victoria Baratta oferece uma boa síntese da posição adotada pelos jornais opositores na Argentina:

El Imperio brasileño había sido representado como un enemigo tradicional por una historia de rivalidades y diferencias difíciles de saldar. El conflicto por la Banda Oriental, las diferencias por el idioma, la historia no compartida de lucha y resistencia, la revolución de mayo inexistente en el gigante vecino separaban a su devenir del de la Argentina. Pero fue también la forma de gobierno del Brasil la que despertó encendidas críticas. Se trataba de un sistema monárquico, desconocido en Argentina e identificado por muchos con el atraso. Y además, la referencia a las estructuras sociales: la existencia de una gran cantidad de esclavos dio lugar a que muchos opositores al gobierno tildasen de bárbaro ya no al Paraguay sino al Imperio brasileño (BARATTA, 2015, p. 11).

A mesma autora sustenta que foi a aliança com o antigo rival a maior razão para a impopularidade da guerra na Argentina, independentemente das divisões internas. Os argumentos de publicações como *El Pueblo*, em 5 de dezembro de 1865, pouco mais de um ano após o início do conflito, sensibilizavam amplos setores da sociedade argentina em formação:

Justificar al Brasil, es pretender la realización de lo imposible. Discutir su conducta en el Río de la Plata, es contribuir a formarle el largo proceso de sus abominables atentados contra el progreso y la tranquilidad de estos pueblos. Es proverbial esta tendencia de absorción. Una parte de la Provincia de Matto Grosso, es Paraguaya; la misma fortaleza de Coimbra, reconquistada, con vergüenza del Imperio por las fuerzas de López fue construida en territorio del Paraguay para defender el resto de la tierra cobardemente usurpada (El Pueblo, Buenos Aires, 5/12/1865, p. 1).

As críticas ficariam ainda mais contundentes com o aparecimento do jornal *La América*, em 1º de fevereiro de 1866, lançado em Buenos Aires pelo jornalista uruguaio Agustín de Vedia e pelo poeta argentino Carlos Guido y Spano, filho do general Tomás Guido, protagonista nas guerras da independência. Combatendo tenazmente a aliança, *La América* seria o responsável pela revelação do Tratado Secreto da Tríplice Aliança, assinado em 1º de maio do ano anterior. “Atacó al gobierno y a los países aliados y reclamó la paz” (DE MARCO, 2006, p. 276). Nas suas páginas, destacavam-se textos cáusticos de um dos mais ferrenhos opositores à guerra, o intelectual e diplomata argentino Juan Bautista Alberdi. A reação

do governo de Mitre não tardou: poucos meses depois, em 27 de julho, o jornal foi fechado e seus editores presos.

Fue la alianza con el Brasil la que despertó las críticas más furibundas en estos opositores al mitrismo y a la guerra, que veían en el imperio vecino al enemigo natural y a Paraguay como el pueblo hermano al que se atacaba injustamente (BARATTA, 2015, p. 14).

No chamado litoral argentino, as províncias de Corrientes e Entre Ríos eram as que mais atemorizavam o governo centralizado em Buenos Aires. Solano López contava com o apoio do general entrerriense Justo José de Urquiza – que acabou não se confirmando –, e isso era uma ameaça sempre presente ao êxito da aliança com o Império de D. Pedro II. As posições divergentes predominaram na região. Jornais como o *El Eco de Corrientes*, por exemplo, defendeu a guerra no início do conflito, alinhado com o presidente Mitre, mas se alarmou com a presença ostensiva de militares brasileiros na província, temendo que a lealdade litorânea estivesse em dúvida e isso provocasse uma invasão das forças imperiais (BARATTA, 2013a, p. 91).

De modo geral, predominou entre as publicações das duas províncias uma posição antibrasileira, mesmo demonizando Solano López e o próprio Paraguai.

Y el principal problema y enemigo es con quien se duerme, otra vez el Imperio Brasileño. La impopularidad de la guerra les da un cachetazo a los periódicos que la apoyaron. Y les revela ante sus ojos un enemigo más poderoso que el Paraguay, el Brasil (BARATTA, 2013a, p. 92).

Os jornais da região também respondiam à altura as visões propagadas pela im-

prensa brasileira, sobretudo por intermédio do *Jornal do Commercio*. Ao se deparar com a versão difundida pela publicação do Rio de Janeiro de que os louros da vitória deveriam ser entregues a Caxias, como único responsável pela vitória aliada, o *El Comercio*, de Entre Ríos, tomou-a como uma grande afronta à Argentina. O diário entrerriense também insinuava, em edição de 6 de setembro de 1867, que os objetivos do Império na guerra seriam outros:

Los intereses de la Confederación y del Brasil son completamente opuestos y si para la República Argentina habría bastado una satisfacción en desagravio de su ofensa, no es así para el Imperio que reclama territorios y aspira a quién sabe que mas”.

Identidades em construção

Ao alvejar o parceiro na campanha militar contra o Paraguai, Brasil e Argentina procuravam erigir suas identidades, apondo os defeitos do outro para afirmar suas supostas virtudes. No caso brasileiro, uma contradição logo se mostrou insuperável, contribuindo para debilitar a monarquia: o discurso contrapondo civilização e barbárie ou liberdade e tirania escancarava a pior mazela do Império – o regime escravocrata.

Os jornais argentinos exploraram muito isso para sedimentar as bases ideológicas – diferenças internas à parte – de uma nação unificada apenas dois anos antes do conflito. As representações do Paraguai como país atrasado e despótico também realçaram uma ideia de país no maior vizinho platino. Mas foi a imagem do aliado ocasional na guerra que pesou mais na conformação da identidade nacional (BARATTA, 2013b, p. 170).

Embora a desgastante ação bélica na Bacia do Rio da Prata tenha contribuído para a formação do exército brasileiro e a projeção política de muitos militares que estiveram no comando de linhas de frente, como os futuros marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, o maior proveito simbólico da guerra parece mesmo ter sido da Argentina:

El tratado falló como estrategia de acercamiento y consolidó las diferencias nacionales. A las representaciones de Brasil como imperio amenazante y esclavista, se sumaron algunos discursos más difusos sobre su pueblo, su raza, su historia. Como con los paraguayos, se los llegó a describir como animales salvajes para diferenciar de la actitud argentina en el frente, sobre todo hacia el final de la contienda. Así, paradójicamente, la guerra de la alianza que muchos no sintieron argentina porque se hizo en pos de los intereses brasileños, volvió a la Argentina más argentina (BARATTA, 2015, p. 32).

Ao final do conflito, a Argentina conseguiria incorporar, de forma definitiva, as províncias de Entre Rios e Corrientes, e consolidar, enfim, um estado nacional. Nesse sentido, a incômoda aliança com o Império brasileiro colaborou para alcançar um resultado inesperado. Mas a parceria com o Brasil não alterou muito o passado de rivalidade e suspeição recíproca. Ao contrário:

No campo das relações entre Argentina e Brasil, às divergências na guerra (que, do lado argentino, não diziam respeito apenas às relações com os brasileiros, mas também às relações entre portenhos e provincianos) somaram-se as divergências de paz. Isso gerou muitas desconfianças entre os dois países vencedores, que se inclinaram mais a limitar e obstaculizar os propósitos do outro que a impor uma política comum ao

vencido. [...] Após a derrota paraguaia, não faltaram momentos de tensão e até certas movimentações militares entre as forças vencedoras, que revelavam a mútua desconfiança entre os ex-aliados. Felizmente, a crise econômica mundial limitava qualquer ambição expansionista nos dois países (FAUSTO; DEVOTO, 2004, p. 124).

As representações de outrora, calçadas em divergências políticas e econômicas, ainda mexem com o imaginário nos dois países sul-americanos. Longas décadas sem nenhuma rusga beligerante e uma convivência muito próxima desde a fundação do Mercosul, em 1991, não impedem que, vez por outra, as cutucadas no velho aliado manifestem-se no jornalismo – impresso, audiovisual e digital – praticado no Brasil e na Argentina. Nos momentos em que o fantasma da rivalidade assalta os espíritos daqui ou de lá, seja no terreno esportivo, econômico ou político, a sensação é aquela mesma de 150 anos atrás: o inimigo pode estar ao lado.

Abstract

During the circumstantial alliance formed in the war against Paraguay, Brazil and Argentina could not avoid the consequences of a past marked by some wars and by permanent suspicion. In many moments of strife, Brazilian and Argentine newspapers attacked the partner neighboring country in the military campaign in the River Plate Basin. An idea-image was imposed in the South American press in the most stressful periods that episode: the enemy was in the trench.

Keywords: Brazil and Argentina. Paraguayan War. History of Journalism.

Resumen

Durante la alianza circunstancial formada en la guerra contra el Paraguay, Brasil y Argentina no han podido evitar las consecuencias de un pasado marcado por algunos enfrentamientos armados y por la desconfianza permanente. En muchos momentos del conflicto, los periódicos brasileños y argentinos atacaron el socio vecino país en la campaña militar en la Cuenca del Plata. Una imagen idea se impuso en la prensa sudamericana en los períodos más desgastantes del episodio: el enemigo estaba en la trinchera.

Palabras clave: Brasil y Argentina. Guerra del Paraguay. Historia del Periodismo.

Notas

- ¹ Juan Manuel de Rosas foi derrotado na Batalha de Monte Caseros, em 3 de fevereiro de 1852.
- ² LUNA, Félix. *Breve historia de los argentinos*. Buenos Aires: Planeta; Espejo de la Argentina, 1999.
- ³ Bartolomé Mitre tomou posse como o primeiro presidente da nação unificada em 12 de outubro de 1862.
- ⁴ Antes desse acordo, no mês anterior, em 18 de junho de 1864, fora realizada uma reunião nas *puntas del arroyo* Rosario, no litoral oriental do Rio da Prata, para tentar convencer representantes do partido Blanco a ceder às inaceitáveis exigências do Império ao governo uruguaio. Diante da negativa, o trio que liderava o encontro – o conselheiro brasileiro José Antonio Saraiva, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Argentina, Rufino de Elizalde, e o enviado extraordinário e ministro plenipotenciário britânico em Buenos Aires, Edward Thornton – acertaram a ação militar no Uruguai. Detalhes pormenorizados dessas articulações podem ser encontrados no esclarecedor artigo intitulado “A intervenção do Brasil no Uruguai e a Guerra do Paraguai: a missão Saraiva” (MAESTRI, 2014). Nesse texto, são desveladas as manobras que culminaram na ação militar contra o país guarani. Os objetivos eram precisos: “Previamente oferecendo seus bons serviços para a

superação das divergências entre o Império e o governo oriental, Elizalde e Thornton traziam no bolso a proposta de aliança entre a Argentina e o Império para depor o governo uruguaio, entronizar Venancio Flores e manter o governo Paraguai fora dos assuntos do Prata” (MAESTRI, 2014, p. 12). E seriam executados ao pé da letra: “Em 1º de dezembro de 1894, José Antônio Saraiva escreveria para Joaquim Nabuco reconhecendo que o Tratado [secreto] da Tríplice Aliança teria sido *materializado* em Puntas del Rosário. Do que se deduz que a entrega do *ultimatum*, em agosto, e a invasão do Uruguai, em outubro, foram passos ensaiados da liquidação acordada do governo oriental, que daria passo à aliança contra o Paraguai” (2014, p. 16, grifo do autor).

- ⁵ A participação uruguaia nas operações militares pode ser considerada simbólica. Dificilmente a força da Banda Oriental superou 2.000 soldados.
- ⁶ Nessa época, a Confederação Argentina, que vivia muitos conflitos internos e ainda não possuía um exército nacional, contava com uma população inferior a 2 milhões de habitantes.
- ⁷ Não foram apenas as publicações tradicionais brasileiras que cerraram fileiras em torno da ação bélica contra o Paraguai. O exame de sete jornais ilustrados da Corte no período da guerra mostrou que a imprensa satírica pendeu para um lado na ação militar contra o Paraguai, nos anos 1864-1870: apenas o inimigo das forças imperiais foi vítima da ação dos chargistas que atuavam no Rio de Janeiro. Até mesmo o abolicionista e republicano Ângelo Agostini, considerado o patrono do desenho editorial do país, alinhou-se com o discurso do governo de D. Pedro II. É de autoria dele uma das produções mais impressionantes daquele período, *O Nero do século XIX*. A imagem apresentava um projeto de monumento ao sadismo do presidente paraguaio Francisco Solano López, que se erguia, imponente, sobre uma montanha de esqueletos, e foi publicada na *Vida Fluminense*, em novembro de 1869. A análise de 202 imagens da imprensa ilustrada da Corte compõe o livro de minha autoria intitulado *A Batalha de Papel* (2010).
- ⁸ A edição nº 304, de 30 de dezembro de 1866, do jornal português *O Commercio do Porto* – o mais importante daquele país naquela época, e que costumava reproduzir na íntegra os textos do brasileiro *Jornal do Commercio* –, informou que Júlio Constâncio de Villeneuve, “encarregado de negócios do Brasil na Confederação Helvética e proprietário do *JORNAL DO COMMERCIO*, mandou entregar na pagadoria das tropas 10.000\$000 Réis para o engajamento de voluntá-

rios que vão servir na guerra contra o Paraguai". E acrescenta: "Governo imperial mandou louvar e agradecer mais esta prova de dedicação e interesse que o sr. Villeneuve tem mostrado pela causa do Brasil". Essa quantia – 10 contos de Réis – permitiria que o Império comprasse doze escravos, e correspondia ao valor de um valorizado sítio na cidade paulista de Socorro, na Serra da Mantiqueira (SIQUEIRA, 2005, p. 166).

- ⁹ Bem mais proveitoso para os interesses do Império de D. Pedro II era o efeito multiplicador do *Jornal do Commercio*, dentro e fora do país. Seus textos eram reproduzidos pelas publicações das províncias brasileiras e seguiam pelo correio marítimo para Lisboa, deflagrando mais duas fontes emissoras: o jornalismo de Portugal, com destaque para *O Commercio do Porto*, e o serviço da agência noticiosa Reuters, que retransmitia as informações quase instantaneamente, pelo telégrafo elétrico, para Londres e outras capitais europeias.
- ¹⁰ As conhecidas palavras do presidente argentino Bartolomé Mitre, prognosticando a brevidade do conflito, haviam sido destacadas na legenda de uma *charge* publicada pela brasileira *Semana Ilustrada* quase um ano antes, em 14 de maio de 1865: "Em três dias nos quartéis, em 15 no acampamento, em três meses em Assunção".
- ¹¹ Mais informações sobre o papel desempenhado pelo jornalismo lusitano na guerra contra o Paraguai, propagando o discurso oficial brasileiro na Europa, podem ser obtidas no livro de minha autoria intitulado *Adesão fatal*: a participação portuguesa na guerra do Paraguai (2003).
- ¹² A participação de Bartolomé Mitre na maior – e uma das mais sangrentas – batalha campal da América do Sul, a de Tuiuti, em 24 de maio de 1866, que praticamente selou a sorte guarani, é considerada calamitosa, compensada pela iniciativa arrojada de alguns chefes militares brasileiros: "À esquerda, o desastre do Império teria sido irremediável, não fosse um general ricamente montado, em grande uniforme com bordados a ouro", ressalva Carlos de Oliveira Gomes (1982, p. 98), referindo-se à atuação do general Antônio de Sampaio.
- ¹³ A mesma nota acabaria sendo publicada, *ipsis litteris*, em outros jornais brasileiros e portugueses, como em *O Bracarense*, da cidade de Braga, em 1º de outubro de 1867.
- ¹⁴ O texto do *Jornal do Commercio* foi reproduzido na íntegra no *Commercio do Porto* e no *Braz Tisana*, respectivamente em 19 e 21 de agosto de 1868, entre outras publicações de Portugal.
- ¹⁵ Mitre, que também era impressor, lançou o jornal em 15 de setembro de 1862, menos de um mês

da sua chegada ao poder. "Consecuente con esos objetivos (a defesa da nacionalidade argentina), el diario, muchos de cuyos artículos escribía el Presidente consumiendo horas al escaso descanso que le permitían sus pesadas tareas, fue 'oficialista' y así lo consideraron los órganos que se le enfrentaron, en especial, como siempre, *La Tribuna*" (DE MARCO, 2006, p. 252). Em 4 de janeiro de 1870, o nome da publicação seria reduzido para *La Nación*. O jornal continua em circulação até hoje e é um dos principais meios impressos da Argentina, com uma linha editorial extremamente conservadora.

Referências

- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990. v. 1.
- BANDEIRA, Moniz. *O expansionismo brasileiro: o papel do Brasil na bacia do Prata: da colonização ao Império*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.
- BARATTA, María Victoria. El litoral y la batalla de pluma: la identidad nacional argentina en los periódicos de Entre Ríos y Corrientes durante la Guerra del Paraguay, 1864-1870. *Revista Folia Histórica del Nordeste*, Resistencia, Chaco, Argentina: Instituto de Investigaciones Geohistóricas, Universidad Nacional del Nordeste, n. 21, p. 75-96, 2013a. Disponível em: <https://www.academia.edu/7169813/EL_LITORAL_Y_LA_BATALLA_DE_PLUMA_LA_IDENTIDAD_NACIONAL_ARGENTINA_EN_LOS_PERI%C3%93DICOS_DE_ENTRE_R%C3%80S_Y_CORRIENTES_DURANTE_LA_GUERRA_DEL_PARAGUAY_1864-1870_>. Acesso em: 23 fev. 2015.
- _____. *La Guerra del Paraguay y el proceso de construcción de la identidad nacional argentina (1864-1870)*. 2013. 335f. Tese (Doutorado em História) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, 2013b.
- _____. Representaciones de Paraguay en Argentina durante la Guerra de la Triple Alianza, 1864-1870. *Revista Sures*, Foz do Igua-

çu, Paraná: Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, v. 1, n. 4, p. 41-53, jan.-jul. 2014. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/index.php/sures/article/view/220/193>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

_____. ¿Aliados o enemigos? Las representaciones de Brasil en el debate público argentino durante la Guerra del Paraguay, 1864-1870. *Revista de História*, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 172, p. 1-34, jan.-jul. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/89558/pdf_25>. Acesso em: 23 fev. 2015.

BENITEZ, Luís G. *Manual de historia paraguaya*. Asunción: Comuneros, [199-].

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *A política externa brasileira: 1822-1985*. São Paulo: Ática, 1986.

DE MARCO, Miguel Ángel. *Historia del periodismo argentino: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo*. Buenos Aires: Educa, 2006.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada, 1850-2002*. São Paulo: Editora 34, 2004.

GOMES, Carlos de Oliveira. *A solidão segundo Solano López*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia; MÜLLER, Karla. *Hermanos, pero no mucho* - El periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil e Argentina. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

JARDIM, Wagner Cardoso. Geopolítica no tratado da Tríplice Aliança: Brasil/Argentina/Uruguai. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-11.

LYRA, Heitor. *História de D. Pedro II*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977. 3 v.

MAESTRI, Mário. O plano de guerra paraguaio em uma guerra assimétrica: 1865. *Revista*

Brasileira de História Militar, Rio de Janeiro, a. 4, n. 10, p. 23-52, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.historiamilitar.com.br/artigo2RBHM10.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

_____. A intervenção do Brasil no Uruguai e a Guerra do Paraguai: a missão Saraiva. *Revista Brasileira de História Militar*, Rio de Janeiro, a. 4, n. 13, p. 3-23, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.historiamilitar.com.br/artigo1rbhm13.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

SIQUEIRA, Lucília. *Bens e costumes na Mantiqueira: o município de Socorro no prelúdio da cafeicultura paulista (1840-1895)*. São Paulo: CLA, 2005.

ZUCCARINO, Maximiliano. Competencia y rivalidad argentino-brasileña en el Paraguay tras la Guerra de la Triple Alianza. *Revista de História*, Porangatu, GO: Universidade Estadual de Goiás, v. 3, n. 2, p. 1-29, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/3160/2052>>. Acesso em: 23 fev. 2015.